



O Estuprador é Você!

A penúltima edição do ano de 2019, da Revista Cadernos de Gênero e Diversidade, está sendo publicada em um momento de grande efervescência social e de resistência internacional aos retrocessos perpetrados por governantes de diversos países contra direitos humanos e importantes conquistas em favor de sujeitos e grupos historicamente discriminados e/ou excluídos. O protagonismo de tais lutas tem sido majoritariamente assumido por mulheres, em sua diversidade, e por pessoas *queer* em várias partes do mundo, cabendo destaque para as manifestações realizadas no seio da América Latina.

Este contexto, como bem afirmou Eleonora Menicucci, em conferência de encerramento do *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11*, ocorrida em Florianópolis, em 2017, tem sido marcado por uma crescente reação às políticas sociais, em particular às políticas para as mulheres e populações LGBT, mediante “choques diários” que se concretizam a partir de uma estratégia disruptiva que tem por objetivo manter os movimentos sociais constantemente atônitos e atordoados diante dos absurdos verbalizados por representantes do governo brasileiro e de medidas contrárias ao próprio pacto constitucional de 1988, tudo com vistas a garantir a dianteira e o controle do que se é discutido no campo feminista em nosso país.

Apesar disto, e mesmo diante desta sensação de perdas momentâneas de algumas batalhas, os feminismos, tanto no Brasil como alhures, se mantêm na vanguarda das respostas às ameaças e/ou retrocessos consumados, uma vez que, de forma crítica e criativa, segue resistindo, pois ainda goza do prestígio e do reconhecimento como o maior movimento de massas do mundo, como tem destacado diversas/os estudiosas/os do campo das Ciências Sociais, tais como, por exemplo, o próprio Ernesto Laclau.

Nesta esteira, vale registrar que, ao menos nos últimos três anos, grandes manifestações de caráter feminista emergiram na América Latina, sendo que, já em 2018, esta revista fez questão de homenagear, com uma capa magnífica, a chamada *Onda Verde* feminista, cuja pauta central foi a legalização do aborto na Argentina, e cujos efeitos foram responsáveis pela reenergização desta luta em várias partes do mundo. Além disso, também testemunhamos o movimento *Ni una a menos*, através do qual mais e mais mulheres latinoamericanas assumiram um



lugar de destaque na luta pelos direitos reprodutivos e pelo direito ao corpo, seja no âmbito jurídico ou médico.

Na presente edição, celebra-se um outro movimento, qual seja, o intitulado *El violador eres tu*, no qual as protagonistas foram as mulheres chilenas, mas que já não está circunscrito àquele país, pois as manifestações, com este caráter e com suas bandeiras, ultrapassaram as fronteiras do Chile. Como é sabido por todas e todos, no curso de uma série de protestos que tomaram as ruas chilenas desde o dia 18 de outubro de 2019, contra o governo do então presidente Sebastián Piñera, e em denúncia às violações que ocorriam durante essas manifestações, o coletivo *Las Tesis* contribuiu com a agitação feminista através da intervenção *Un violador en tu camino*, conhecida popularmente pelo seu refrão *El violador eres tu*. Tal performance foi difundida em tempo real nas redes sociais após a apresentação original do dia 20 de novembro e se tornou ainda mais viral após os protestos no dia 25 de novembro, Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher.

Las Tesis é um coletivo que nasceu há pouco mais de um ano e meio, composto pelas artistas Sibila Sotomayor e Dafne Valdés, pela desenhista Paula Cometa e pela figurinista Lea Cáceres. Sua principal tarefa é traduzir as teorias feministas para uma linguagem artística, de modo a alcançar um público mais amplo e mais diverso que o acadêmico. Essa performance em particular tem inspiração nos textos da professora Rita Segato, antropóloga feminista de profícua produção e efetiva atuação em prol da igualdade de gênero e da concretização dos direitos das mulheres. O alcance da intervenção *Un violador en tu camino* foi tamanho que foi reproduzida com versões traduzidas para as línguas nativas de mulheres em várias partes do mundo, inclusive para o português.

A capa desta edição faz referência à performance *Um estuprador no Teu Caminho*, em imagem registrada no Largo da Catedral em Florianópolis/SC no dia 10/12/2019. A foto foi cedida por Cristina Gallo, fot jornalista com base em Santa Catarina e atuação em Brasília e São Paulo, especializada em coberturas sobre política e com trabalhos publicados nos principais veículos de comunicação do país.

Em consonância com o exposto, este número conta com artigos avulsos, ensaio, entrevista e um dossiê, além de três resenhas. Os artigos abordam uma temática similar, qual seja, a participação de mulheres e negros em universidades públicas em nosso país. No primeiro deles, os



estudantes Anne Bittencourt, Ananda Genonádio, Bruno Almeida e Caroline Anice, buscam enfrentar as barreiras vividas por estudantes negras na universidade, apontando as estratégias assumidas para a sua permanência, especialmente a importância das políticas de ação afirmativa e da construção de redes de sociabilidade e afetividade para essas estudantes. Este primeiro texto recebe o título de *A Primeira da Família: vivências de mulheres negras da Universidade Federal da Bahia*. Já no segundo, intitulado *Raça e Gênero no corpo docente da Universidade Federal do Pampa*, escrito por Cristiane Barbosa Soares e Fabiane Ferreira da Silva, busca-se problematizar o perfil docente da universidade analisada, a partir de uma visão interseccional da realidade, apontando a baixa representatividade de negras e negros no corpo docente da instituição e, ainda, a persistência da dicotomia de gênero nas áreas do conhecimento, o que mostra a resistência do meio acadêmico em romper com as desigualdades raciais e de gênero. Assim, nessas duas análises, percebemos a persistência do racismo e do sexismo nas universidades brasileiras, cujas políticas devem fomentar uma maior presença tanto de discentes como de docentes negros e negras em vista de uma universidade mais justa e plural.

No ensaio *Pânico Moral e a Abordagem de Gênero nas Escolas*, Regina Rodrigues Costa retoma os reflexos sociais que desencadearam o pânico moral à abordagem de gênero nas escolas brasileiras, trazendo ao debate as condições que levaram às tentativas de censura a esses conteúdos nos currículos escolares.

Quanto à entrevista, temos uma contribuição produzida na Cidade do México pela editora Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa, cujo entrevistado é o pesquisador espanhol José María Valcuende del Río, que apresenta reflexões sobre a constituição da *Red del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades* (Red LIESS) e sua importância na integração dos países hispanos e lusófonos no que tange os estudos de gênero e sexualidade.

Organizado por Aline Alves Veleza e Emanuelle Freitas Góes, o dossiê *Aborto legal: interseccionalidades para a garantia de um cuidado humanizado* traz sete artigos inéditos, todos fruto de pesquisas realizadas em nosso país. Um aspecto comum aos textos deste dossiê é que, segundo as organizadoras, a trajetória das mulheres em busca pelos seus direitos não é nova, pois provém de décadas de batalhas incessantes frente à sociedade e ao Estado, e que vão se consolidando, quase sempre, por meio de muita pressão, muita ação e muita produção contra-



hegemônicas. Como afirmaram na chamada publicada, *falar, dialogar, escrever, pesquisar e publicar sobre o aborto é também uma luta constante, exige de todos e todas persistência, coragem e responsabilidade ética e social*, em especial, quando o que se está em disputa é a garantia de um direito legalmente conquistado, mas cujo exercício, sobretudo em sua manifestação plena, ainda está longe de ser consolidado, notadamente nos serviços de saúde pública deste e de outros países.

Conforme já foi antecipado, além do dossiê, este número ainda traz três interessantes resenhas, duas de livros e uma de um filme. A primeira analisa a obra *O que é lugar de fala?*, da filósofa Djamila Ribeiro. Aqui, Catia Eli Gemelli aponta o livro como uma referência para os estudos que visam impulsionar narrativas de grupos historicamente silenciados, ao promover o debate acerca da linguagem como manutenção do poder. Já a segunda obra resenhada, *A Liberdade é uma luta constante* de Angela Davis, é compreendida pela autora, Silvia Danielle Schneider, como uma chave interpretativa para a atual conjuntura, enfatizando a importância e o papel do ativismo, principalmente na luta contra os discursos de ódio, a violência e a misoginia. Por fim, Thiago Cazarim da Silva, traz para a leitura uma resenha provocante do filme *Bacurau*, assumido pelos movimentos de resistência como um de seus marcos no ano de 2019, apesar de, para o autor, apresentar tantos elementos duais e folclorizantes.

Com isso, desejamos a todas e todos, excelentes, provocantes e reflexivas leituras!

Felipe Bruno Martins FERNANDES

Igor Leonardo de Santana TORRES

Saete Maria da SILVA

Patrícia Rosalba Salvador Moura COSTA

Mariângela Moreira NASCIMENTO